

HOSPITAL SÃO PEDRO

UM OLHAR
PARA DENTRO

Como funciona a maior instituição psiquiátrica da América Latina e o espaço artístico dos pacientes

TEXTO E FOTOS RÉGIS EDUARDO



Difícilmente alguém passa em frente ao número 2460 da avenida Bento Gonçalves, em Porto Alegre, e não se sente atraído a observar o descampado e a imponente construção de estilo imperial ali localizada. É exatamente nesse prédio que funciona o maior manicômio da América Latina, o Hospital Psiquiátrico São Pedro, que em 2009 completa 125 anos.

A unidade de saúde atende a uma área que compreende 88 municípios das 1ª, 2ª e 18ª regiões de saúde do Estado, cobrindo aproximadamente 5 milhões de pessoas. De acordo com o diretor-geral, Luiz Carlos Illafont Coronel, nos tratamentos realizados são utilizados apenas os métodos convencionais, confirmados pela ciência.

Apesar de estar localizada em Porto Alegre, a instituição não atende a pacientes da capital, devido à administração estar submetida à Secretaria Estadual da Saúde, exceto em dois casos: crianças e adolescentes. Excepcionalmente são acolhidas pessoas de outros estados, até mesmo do exterior, para o tratamento psicoterapêutico.

Atualmente, recebem tratamento em torno de 500 pacientes, 55% mulheres e 45% homens. Desses, 370 são de longa permanência. A maioria idosos, abandonados por suas famílias. Os outros 130 são de curta permanência, chamados de casos "agudos", que recebem atendimento na internação psiquiátrica. A estimativa é que a reincidência após o tratamento seja de aproximadamente 40%.

Através do número crescente de pessoas com dependência de crack que chegavam ao hospital, surgiu um importante diagnóstico da saúde mental no Rio Grande do Sul, a chamada "epidemia do crack". Hoje, o grande consumo da droga entre adolescentes e adultos é um dos mais graves

problemas de saúde e segurança enfrentados por governo e sociedade gaúcha.

Internamente, o São Pedro é separado por unidades destinadas a públicos específicos, como crianças, adolescentes, dependentes químicos, homens, mulheres, entre outros. Cada ala tem por volta de 30 leitos. Segundo a direção, existe um grande déficit em relação à demanda de vagas para internação. Os leitos estão permanentemente lotados e a fila de espera é grande. A paciente mais antiga está com 91 anos, internada há mais de 40.

Conforme Coronel, a instituição enfrenta deficiências de infraestrutura, falta de materiais e recursos humanos. Estando na chefia desde 2007, início do governo de Yeda Crusius, ele acredita que o futuro do hospital será sua transformação em um centro de atenção integral à saúde mental.

As vagas da equipe diretiva - diretor-geral, diretor-médico, diretor-técnico, diretor-administrativo e diretor de ensino e pesquisa - são preenchidas por indicações de cargos de confiança do governo do Estado, os chamados CCs.

O espaço de expressão e criatividade

Quatro de maio, 9h. Em uma das entradas do prédio principal do São Pedro fica o espaço destinado à Oficina de Criatividade. Aos poucos os pacientes vão ocupando a sala ampla e arejada, ali encontram mesas largas e compridos bancos de madeira. A iluminação artificial é complementada com a clareza que entra pelas grandes janelas localizadas lateralmente. Bem próxima à porta de acesso encontra-se uma pequena bancada, sobre a qual estão dispostos vários pincéis e pedaços de papel *craft*, prontos para serem utilizados. Os que chegam são em sua maioria pacientes de longa permanência, que partici-



pam da oficina, alguns terapeutas e auxiliares do setor.

Alguns internos têm suas roupas marcadas por códigos para identificar a unidade a que pertencem. Muitos têm dificuldade para falar, caminhar, porém todos têm uma grande expressão no olhar. Um olhar que "fala", que comunica muito de suas histórias de vida.

A Oficina de Criatividade foi criada em 1989, por uma equipe interdisciplinar composta de enfermeiros, psicólogos e profissionais das artes, com o objetivo de proporcionar um meio de vazão à inventividade dos pacientes. No ano de 1996, a oficina começou a receber crianças, e, em 1999, adolescentes. Hoje atende ao ambulatório e à rede de saúde mental da capital.

"A Oficina de Criatividade é um local de vida, uma janela

dentro do São Pedro, onde ocorrem trocas, um ambiente de convivência, de resgate da subjetividade das pessoas que vêm aqui", afirma Giselle Silva Sanches, uma das psicólogas responsáveis pelo setor.

O trabalho realizado nesse setor foi inspirado na prática desenvolvida em 1946 pela psiquiatra Nise da Silveira, no Centro Psiquiátrico Pedro II, nos ateliês do Engenho de Dentro, no Estado do Rio de Janeiro. Com o mesmo método de "expressão livre" desenvolvido por Nise, os terapeutas da Oficina de Criatividade acompanham a expressão do paciente, observando seu comportamento durante o processo criativo, desta forma, incentivando e facilitando sua experiência.

De acordo com Giselle, além de funcionar como atividade artística, a oficina está aberta a várias abordagens terapêuti-

Às quartas-feiras, na Oficina de Criatividade, pacientes produzem trabalhos artísticos

cas, sendo também um local para pesquisa acadêmica. "Aqui também conseguimos fazer um acompanhamento sistemático e terapêutico dos pacientes que chegam. Através de suas participações podemos fazer uma abordagem clínica pela análise de seus trabalhos, mesmo não sendo essa a proposta inicial", relata Giselle.

A Oficina de Criatividade está aberta a projetos de pesquisa de professores e estagiários de várias áreas, desde que proponham um trabalho que seja direcionado aos pacientes e que colaborem em seu desenvolvimento psíquico e afetivo.

No local são prestados, mensalmente, em torno de 600 atendimentos. Destes, 45 são pacientes de longa permanência, 20 da rede de saúde mental, além de crianças, adolescentes e adultos da área de internação.

Alguns funcionários do hospital também participam da oficina. Estes desenvolvem trabalhos buscando o lazer e o relaxamento. Quando surge a necessidade, também são recebidos pacientes da rede de saúde mental de Porto Alegre, apesar de a instituição estar ligada ao governo do Estado.

Giselle relata que alguns pacientes, após participar dos trabalhos, deixaram de usar a medicação prescrita por estarem com um quadro mais estável. A psicóloga relata um fato ocorrido em 1997, de uma moradora que era considerada o caso mais difícil da unidade de saúde. "Ela não frequentava a oficina, vinha mais pra ser escutada. Aos poucos, fomos criando um vínculo entre ela e os materiais para pintura. Após algum tempo, ela começou a pintar e a expor seus trabalhos no hospital. Suas internações, que eram frequentes, diminuíram consideravelmente e hoje ela está estabilizada", diz Giselle.

É verdadeiramente motivador encontrar um ambiente de sociabilização como este que possibilite a troca de experiências entre pessoas tão especiais. Apesar das inúmeras dificuldades que estes sujeitos enfrentam, desde a marginalização familiar, o abandono, a precariedade no tratamento de saúde mental fornecido pelo Estado e, sobretudo, o preconceito social, ainda assim é possível perceber que existe um envolvimento e um forte vínculo afetivo por parte dos pacientes.



IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Quatro de março de 2009, 9h30min. Passo pela portaria e sigo pelo caminho principal. Minhas mãos suam mais que o de costume. Estou em um dos lugares de Porto Alegre que mais mobilizaram meu olhar desde a infância, o Hospital Psiquiátrico São Pedro. Consegui uma entrevista com a psicóloga Giselle, uma das responsáveis pela Oficina de Criatividade. Caminhando pela área interna do São Pedro tenho uma sensação constante de desconforto interna e inquietude de espírito. É o medo da loucura, talvez da minha loucura. Do lado de cá da cerca, me sinto desprotegido sem a couraça protetora do mundo "normal". No deslocamento, a cada instante, cruza-se

com pessoas que não se tem certeza de por que estão lá, em visita, a trabalho ou como paciente. Quanto mais me aproximo do prédio principal, mais aumenta a ansiedade. Subo as escadas. Estou no interior do prédio. Peço pela terapeuta. Um atendente aponta uma porta e me informa que ela está ocupada. Aguardo. Alguns minutos depois uma pessoa sai da sala. Entro. Na conversa, Giselle me passa várias informações importantes sobre o hospital. Essa foi a primeira vez que caminhei pelo pátio do São Pedro. Me apropriar do ritmo das pessoas que circulavam ali, das cores e da textura do ambiente foi uma experiência muito interessante e enriquecedora.